



3311 - Trabalho Completo - 2ª Reunião Científica Regional Norte da ANPEd (2018)  
GT 18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultos

?PERCORRER CORRENDO CORREDORES EM SILÊNCIO? - Biopolítica do esvaziamento escolar e exclusão da juventude na evolução das matrículas iniciais em Belém-PA (2000-2017)

Carlos Jorge Paixão - UFPA - Universidade Federal do Pará

Letícia Carneiro da Conceição - UFPA - Universidade Federal do Pará

#### RESUMO

A pesquisa analisa a evasão escolar nas redes estadual e municipal da cidade de Belém-PA entre os anos de 2000 e 2017, nas séries e modalidades de ensino correspondentes à juventude: Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Ensino Médio. Foram utilizados dados de matrícula inicial do Censo Escolar, no período e nas redes de ensino em questão. Os resultados indicam processo de esvaziamento crescente do grupo mencionado, perceptível mesmo quando se considera também a rede particular de ensino. Esta gradativa ausência da juventude nas instituições de escolarização formal revela a mecanismos de exclusão social atuando especialmente nesta faixa etária mais vulnerável, o que relaciona a realidade urbana de Belém com a de outras capitais em que o fenômeno já foi percebido e analisado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Evasão escolar; Juventude; Exclusão.

**“PERCORRER CORRENDO CORREDORES EM SILÊNCIO” - Biopolítica do esvaziamento escolar e exclusão da juventude na evolução das matrículas iniciais em Belém-PA (2000-2017)**

#### RESUMO

A pesquisa analisa a evasão escolar nas redes estadual e municipal da cidade de Belém-PA entre os anos de 2000 e 2017, nas séries e modalidades de ensino correspondentes à juventude: Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Ensino Médio. Foram utilizados dados de matrícula inicial do Censo Escolar, no período e nas redes de ensino em questão. Os resultados indicam processo de esvaziamento crescente do grupo mencionado, perceptível mesmo quando se considera também a rede particular de ensino. Esta gradativa ausência da juventude nas instituições de escolarização formal revela a mecanismos de exclusão social atuando especialmente nesta faixa etária mais vulnerável, o que relaciona a realidade urbana de Belém com a de outras capitais em que o fenômeno já foi percebido e analisado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Evasão escolar; Juventude; Exclusão.

#### ABRIR AS PORTAS QUE DÃO PARA DENTRO

Aqui estamos na avenida

Pelas ruas, pela vida

Marchando com o cortejo

Que flui horizontalmente

Manifestando o desejo

De uma cidade includente

E uma nação cidadã

Traduzido numa canção

Numa sentença, num mantra

Num grito ou numa oração

Por todo jovem negro que é caçado

Pela polícia na periferia

Por todo pobre criminalizado

Só por ser pobre, por pobrefobia

(...) Pelo menor de idade sem escola

A se formar no crime condenado

"Manifestação", Carlos Rennó, 2018.

Dia 29 de Maio de 2018 o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) divulgou o "Balanço das inscrições e perfil dos participantes" do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) no ano de 2018. As 5,5 milhões de inscrições fizeram desta a edição com menor índice de participantes desde 2011, quando o exame teve 5.380.857 inscritos. É uma redução de 18% em relação à edição passada, em 2017, que teve 6,7 milhões de participantes confirmados. A mudança na finalidade da prova pode ajudar a explicar a queda registrada nas duas últimas edições: desde 2017 o exame deixou de servir para certificação de conclusão do ensino médio. Mas considerando a relevância do exame para o ingresso na educação superior, os dados divulgados são alarmantes: qual será o custo social, a longo prazo, da não continuidade dos estudos de tantos egressos do ensino médio?

No mesmo dia, outra instituição fez uma divulgação: a Anistia Internacional, organização global existente desde 1961, lançou o videoclipe "Manifestação". Com letra de Carlos Rennó e interpretação de mais de 30 artistas de estilos diversos, a música celebra os 57 anos de fundação do movimento e os 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Segundo a própria entidade, a canção "fala de resistência, corteja as ruas, traz à tona os nossos desejos de justiça e nos convoca a cantar junto que a violência, o racismo e a indiferença jamais serão tolerados". Dentre imagens em movimento de diversas violações dos direitos humanos e ações de resistência a elas, os versos reproduzidos acima, na epígrafe do presente texto, trazem a temática da escola - e dos sujeitos dela excluídos: jovens negros assassinados nas periferias, menores de idade fora da escolarização formal.

Qual a relação entre as duas divulgações do dia? Seriam as diminuições das inscrições no Enem apenas um pequeno cume visível de um iceberg bem maior, de exclusão da juventude - da escola e do próprio direito à vida? Como relacionar a escola e seus sujeitos presentes ao mundo externo e os sujeitos ausentes?

Utilizando a expressão da canção "Janelas Abertas No 2" (Caetano Veloso, 1972) que empresta seus versos a nossos títulos, do texto e suas subdivisões - vamos tentar "abrir as portas que dão para dentro", ou seja: relacionar o visível, estabelecido e interno à escola ao não visível, não estabelecido e externo à escola.

A diminuição do quantitativo de alunos jovens matriculados nas escolas das redes públicas (federal, estadual e municipal) e privada da cidade de Belém-PA é perceptível, desde aproximadamente a metade da década passada. De maneira empírica, o fenômeno se manifesta na diminuição crescente de carga horária disponível para a lotação de professores na educação básica. Como desdobramento da diminuição de alunos e turmas, turnos e até escolas vem fechando e deixando, definitivamente, de ofertar as vagas ociosas.

A fala de professores e demais trabalhadores da educação (dos diretores aos porteiros das escolas) apresentava um cenário passado bem diverso: salas de aula e turnos cheios, filas para a matrícula na porta da escola, ainda de madrugada. Surpreendentemente, eles não falavam de um passado remoto: esta espécie de "Era de Ouro" do Ensino Médio havia ocorrido há pouco mais de uma década.

Apenas na Escola Estadual de Ensino Médio Visconde de Souza Franco - central, tradicional e, portanto, paradigmática desta transformação - havia, até o ano letivo de 2003, 45 turmas com média de 60 alunos, em cada um de seus três turnos, totalizando cerca de 7.500 matrículas, maior quantitativo de toda Rede. No ano de 2017, o turno da Manhã (único em que a Escola ainda funciona, já que os turnos da Tarde e Noite não atingiram o quantitativo mínimo de matrículas desde 2016) tem menos de 700 alunos... Para onde poderiam ter ido tantas almas?

Durante as entrevistas realizadas na elaboração da dissertação de mestrado, sobre a juvenilização da Educação de Jovens e Adultos, uma fala chamou atenção: um representante da Secretaria Estadual de Educação comentou, em entrevista registrada, haver a consciência, por parte da instituição, de que eram automaticamente encaminhadas à modalidade da EJA os alunos que atingissem a idade de quinze anos ainda no Ensino Fundamental. A título de exemplo, disse que esse fenômeno (juvenilização da EJA) era tão conhecido pela Secretaria quanto a diminuição das matrículas do Ensino Médio, que gerou os "elefantes brancos no corredor": unidades escolares vazias, ou subutilizadas, na região central da cidade - chamada de "corredor" por envolver as principais vias de tráfego urbano: Avenidas Almirante Barroso e Magalhães Barata e seus arredores.

A fala do representante do poder público estadual apresenta uma metáfora rica do *nonsense* da situação: uma sucessão de escolas vazias - e gradativamente esvaziando -, um desfile de "elefantes brancos", tão importantes quanto inúteis, majestosamente incômodos, nas vias principais da cidade... Remetendo a outra expressão idiomática, temos os gigantes mamíferos na "sala de estar" da cidade: problemas expostos escancaradamente, sem que ninguém altere seus protocolos de rotina para dar atenção a eles. Nossa juventude sumindo das escolas construídas para atendê-la, escapando por entre nossos dedos sem sabermos para onde estão indo.

Como chegamos ao paradoxo de "percorrer correndo corredores em silêncio", assistindo o esvaziamento gritante da função social de unidades escolares imponentes nas artérias da cidade?

## PERDER AS PAREDES APARENTES DO EDIFÍCIO

Educação nosso adversário

Estádios perfeitos, ensino precário (...)

Elite, controla o ensino da escola

No livro são leigos e gênios com a bola

Brasil, vivemos à margem desse lugar

Onde os Marcola surgem à Beira-Mar

"Coisas de Brasil", Rincon Sapiência, 2004.

Não por acaso, as chamadas escolas "do corredor" são as mais antigas e tradicionais da cidade. Com a expansão urbana ocorrida nas últimas décadas e a construção de novas unidades escolares fora da área central da cidade, passaram a atender uma clientela que, no geral, não mora nos seus arredores.

Remanescentes do período anterior à universalização do acesso, ocorrida a partir da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96 estas são exatamente as instituições que filtravam o ingresso décadas atrás, quando a demanda de alunos era muito maior que a oferta de vagas e a prática de "exames de

admissão" era institucionalizada.

As mesmas construções imponentes - e, em grande medida, elitistas e segregadoras - do passado se tornam, agora, prédios esvaziados. Espaços físicos vazios e silenciosos guardam a memória da utilização para qual foram projetados e exibem, no centro da cidade, vestígios de uma remota função social da escola. Protegidos por "paredes aparentes" de tradição e nostalgia, os edifícios não se escondem da "perda": a análise da evolução das matrículas do Ensino Médio e da modalidade presencial da EJA na última década evidencia esta diminuição, tanto no âmbito estrito da instituição escolar em questão quanto na rede estadual da qual a escola faz parte e nos dados gerais do município.

A oferta pública de Ensino Médio das redes estadual (atualmente realizada em 57 escolas) e municipal (em uma única) nos limites físicos da cidade evidenciam a diminuição com mais ênfase que as três instituições federais que, por sua natureza diferenciada, costumam ter demanda altíssima, fila de espera e seleção de ingresso através de teste admissional.

A rede privada não demonstra a queda de matrículas de maneira tão significativa, tendo apresentado ao longo do período analisado a diferença de 4.398 matrículas entre o ano com maior (2006, com 16.940) e menor número (2009, com 12.542). Não é perceptível na rede, no entanto, a absorção da perda de alunos da rede pública - dado que descarta a hipótese do esvaziamento da escola pública significar a migração de alunos para a rede particular.

Gráfico 1: Evolução das matrículas iniciais do ensino médio regular na cidade de Belém-PA (2010-2015)

Fonte: Censo Escolar / INEP 2000-2015

Gráfico 2: Evolução das matrículas iniciais em turmas presenciais de EJA nas redes públicas na cidade de Belém-PA (2005-2017)

Fonte: Censo Escolar / INEP 2000-2017

A evolução das matrículas de EJA, na modalidade presencial, evidencia um crescimento sutil na oferta da etapa de Ensino Médio e uma diminuição acentuada na oferta de Ensino Fundamental.

Importante salientar que o município de Belém e o estado do Pará apresentam índices alarmantes de distorção idade/série, o que frequentemente vem sendo anunciado pela imprensa e utilizado como crítica política aos gestores públicos. Lançado em 2015 por órgãos da iniciativa privada, o IOEB - Índice de Oportunidades da Educação Brasileira - cruza os dados de fluxo e desempenho do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, pelo Inep) com os dados do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD e classificou Belém como a pior das capitais e o Pará como o pior dos estados brasileiros em oportunidades educacionais. Na edição de 2017, Belém subiu duas posições, se tornando a antepenúltima capital, e o Pará permaneceu como a última unidade da federação no ranking. Nas notas técnicas, a defasagem idade/série e também o quantitativo populacional em idade escolar maior que o quantitativo de matrículas são apresentados como fatores de impacto negativo às chamadas oportunidades educacionais.

As inscrições no Enem, já mencionadas como possível indicador da exclusão social da juventude, permitem análise da evolução ao longo de duas décadas, compreendendo o período desde o início da aplicação do Exame até o ano de 2018, divulgado em 29 de Maio junto com o Boletim do Inep.

Gráfico 3: Evolução do total de inscrições confirmadas no Exame Nacional do Ensino Médio (1998-2018)

Fonte: INEP

É perceptível a ruptura no processo crescente de adesão ao Exame desde sua instituição, à medida em que ele foi sendo mais e mais utilizado no acesso ao ensino superior em todo país. E, mesmo com a perda da função de certificação do Ensino Médio, suas inscrições ainda nos dizem muito sobre a população de egressos desta etapa da escolarização - ou os que desejavam concluí-la. Ainda que não sejam dados específicos de nosso recorte geográfico - a cidade de Belém - esta evolução das inscrições nos lembra que os fatores de ameaça à juventude também não estão restritos ao município.

A análise dos dados de matrícula do Estado do Pará, como um todo, não sinalizam o mesmo processo de esvaziamento que se evidencia na capital, o que nos mostra que se trata de um fenômeno essencialmente relacionado às dinâmicas sociais da vida urbana.

Quer se trate das dimensões simbólica do espaço da casa ou da cidade, Foucault nos lembra que a organização do espaço alcança objetivos econômico-políticos.

É preciso (...) não ficar somente dizendo que o espaço predetermina uma história que por sua vez o modifica e que se sedimenta nele. A fixação espacial é uma forma econômico-política que deve ser detalhadamente estudada (2012, p. 322).

Indo além da concepção de espaço como *substrato* ou *fronteira*, Le Goff (1988, p.124.) defende que "é a sociabilidade, o prazer de estar com o outro, que estabelece em definitivo, a diferença urbana, a urbanidade. (...) Os termos relacionados à cidade denotam a educação, a cultura, os bons costumes, a elegância: urbanidade vem do latim *urbs*; *polidez*, da *polis grega*." O conceito de cidade na Idade Antiga remetia ainda à cidadania, à liberdade e todos os seus derivados, como a própria racionalidade.

Mas precisamos alcançar as contradições de nossa vida urbana contemporânea, precisamos alcançar os elefantes brancos no corredor da cidade. Para Léfèbvre, urbano é a simultaneidade, a reunião, é uma forma social que se afirma e a cidade é um objeto espacial que ocupa um lugar e uma situação. O urbano seria, então, um fenômeno que se impõe a partir do processo de construção e desconstrução da cidade. Após a inflexão do agrário para o industrial através do comércio, teríamos agora uma segunda inversão: do urbano, ou sociedade urbana, suplantando a sociedade industrial (LÉFÈBVRE, 2004). Em um contexto de crise social, a cidade - ou "a projeção da sociedade sobre um local" (LÉFÈBVRE, 2001, p. 56) não está imune e expõe, ela própria, suas contradições:

(...) a natureza das políticas públicas focalizadas para as cidades tem sido menos a de considerar temporalidades e espacialidades cotidianas e muito mais de propor modelos que acompanhem o ajustamento das formas urbanas a tendências mais homogeneizadoras e hegemônicas. É assim que se têm apresentado, por exemplo, as políticas de renovação urbana implementadas no contexto neoliberal, assim como os processos de gentrificação que têm se generalizado nos modelos de cidades que se pretendem competitivas. (TRINDADE JÚNIOR, 2004, p. 251)

Estas dinâmicas de gentrificação - ou elitização do espaço urbano, valorizando interesses privados sob o público - nos ajudam a entender o processo vivenciado pelas escolas ditas "tradicionais". Várias décadas de diferentes políticas públicas educacionais refletindo diferentes funções sociais da educação e visões da escola pública geraram diferentes olhares sobre aquelas estruturas físicas imóveis, no centro de uma cidade em movimento.

A respeitável escola pública que atendia, inclusive, os filhos da elite econômica da cidade continua no mesmo lugar. Mas sua potência, os alunos que lhe dão vida e sentido, já não representam esta classe. São jovens que precisam vir de um "longe" que as contradições sociais expressas nas

dinâmicas urbanas estão deslocando para cada vez mais longe, acrescentando gastos de tempo e dinheiro cada vez maiores à atividade cotidiana de ir para a escola.

As "paredes aparentes do edifício" escolar permanecem em localização privilegiada - que a especulação imobiliária costuma tornar cada vez mais privilegiada, até fazer do conceito de privilégio um valor agregado aos imóveis da região. A escola, no decorrer deste processo, estará rodeada por uma vizinhança cujos filhos já não a frequentam. Vizinhança que, possivelmente, não se reconhece nos sujeitos que a utilizam - e não os quer no seu projeto de vizinhança.

Mais que a estrutura física, normalmente imponente, é a função social da escola que parece destoar dos interesses que determinam o funcionamento da cidade. A escola Lauro Sodré, por exemplo, foi construída em 1893 como "Instituto Paraense de Educando Artífices". Diversos (des)caminhos levaram o palacete neoclássico a um desabamento parcial, até ser inteiramente reformado - e deixar de ser escola para virar, em 2006, a sede do Tribunal de Justiça do Estado do Pará, agora impecavelmente mantida...

Estariam os micropoderes econômico-políticos operando na constituição de um "problema dos espaços" com as antigas escolas?

Seria preciso fazer uma "história dos espaços" - que seria ao mesmo tempo uma "história dos poderes" - que estudasse desde as grandes estratégias da geopolítica até as pequenas táticas do habitat, da arquitetura institucional, da sala de aula ou da organização hospitalar, passando pelas implantações econômico-políticas. É surpreendente ver como o problema dos espaços levou tanto tempo para aparecer como problema histórico-político (Foucault, 2012, p. 322).

"Estádios perfeitos, ensino precário", como disse o rapper paulistano Rincon Sapiência. "Elite, controla o ensino da escola" - e a definição de prioridades passa, inclusive, pela seleção de que escola merece continuar sendo escola.

Ordenamento operando através da disciplina que, para Foucault, "é, antes de tudo, a análise do espaço. E a individualização pelo espaço, a inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório. A disciplina exerce seu controle, não sobre o resultado de uma ação, mas sobre seu desenvolvimento" (2012, p. 181).

Na lógica da governamentalidade neoliberal, de inspiração norte-americana, a educação se articula com a teoria do capital humano e se mercadoriza, como "princípio e método de racionalização do exercício de governo - racionalização que obedece, e aí está a sua especificidade, à regra interna da economia máxima (...) orientada para objetivos e se regulando através de uma reflexão contínua." (Foucault, 1997, p. 90) Logo, a sociedade - e a educação, a escola e seus sujeitos - estarão orientadas para essa economia máxima e mercadorização.

Se prédios públicos têm seus destinos traçados em gabinete e a função social da escola não pesa na balança, o que dizer de seus sujeitos? A quem interessa que mereçam permanecer como sujeitos?

## **PENETRAR NO LABIRINTO, O LABIRINTO DE LABIRINTOS**

Agora entenderam o porquê da preocupação

O medo deles é que a gente se vingue da escravidão

Que a gente seja educado que a gente seja instruído

Por isso que o ensino público tá esquecido

"Vamo pra Cima", Pelé do Manifesto, 2015

Diante de um "poder espacial" que segrega e alija, prédios suntuosos tem seu destino e existência manipulados. Podemos seguir o labirinto - conjunto de percursos intrincados construídos para desorientar quem os percorre, para que se percam, esquecidos - e os labirintos dentro dele para tentar encontrar seus sujeitos: corpos *indesejáveis* transitando expostos nos corredores da cidade.

Para entender os micropoderes que operam no fenômeno do esvaziamento, Gadelha nos lembra que "o poder não pode ser concebido como uma coisa passível de ser (des)apropriada - por uma classe social, por exemplo -, mas trata-se mais propriamente de uma relação, ou melhor, de um exercício relacional e estratégico" (2013, p. 38).

Peter Pál Pelbart, refletindo sobre os mecanismos de poder, nos lembra:

Se imaginávamos, algumas décadas atrás, ter espaços preservados da ingerência direta dos poderes, por exemplo, o corpo, o inconsciente, ou a natureza, e tínhamos com isso a ilusão de preservar nessas esferas alguma autonomia em relação aos poderes, hoje nossa vida parece integralmente submetida a esses mecanismos de modulação da existência. Até mesmo o sexo, a linguagem, a comunicação, a vida onírica, mesmo a fé, nada disso preserva já qualquer exterioridade em relação aos mecanismos de controle e de monitoramento. Para resumi-lo numa frase simples: o poder já não se exerce desde fora, desde cima, mas sim como que por dentro, ele pilota nossa vitalidade social de cabo a rabo. (2007, p. 57-58)

Transposta para as escolas do corredor, podemos perceber essa "vitalidade social" na potência dos alunos: existências moduladas que resistem - insistem em existir e marcam presença, mesmo em espaços interditos.

Nas palavras do rapper belenense Pelé do Manifesto, "o medo deles é que a gente se vingue da escravidão, que a gente seja educado que a gente seja instruído". A violência da colonização *devolvida* através da escolarização formal, temida exatamente por seu papel de transformação social e subversão de hierarquias: "Por isso que o ensino público tá esquecido".

Diante da urgência em garantir a vida, convém entender melhor esse "poder sobre a vida":

Já não estamos às voltas com um poder transcendente, ou mesmo com um poder apenas repressivo, trata-se de um poder imanente, trata-se de um poder produtivo. Este poder sobre a vida, vamos chamar assim, biopoder, não visa mais, como era o caso das modalidades anteriores de poder, barrar a vida, mas visa encarregar-se da vida, visa mesmo intensificar a vida, otimizá-la. Daí também nossa extrema dificuldade em resistir. Já mal sabemos onde está o poder e onde estamos nós. (PELBART, 2007, p. 57-58)

As conceituações de biopolítica e suas acoplagens surgiram ao fim das análises de genealogia dos micropoderes disciplinares, estando todos intimamente relacionados. O biopoder utiliza as técnicas dos poderes disciplinares, mas com outra escala, outro suporte e outros instrumentos, já que se aplica à vida dos indivíduos e não apenas aos seus corpos - considerados no que possuem de comum, o pertencimento a uma espécie. "Se o poder disciplinar fazia uma anátomo-política do corpo, o biopoder faz uma biopolítica da espécie humana" (VEIGA-NETO, 2011, p. 73).

Corpo, vida e espécie humana não estão aqui sendo empregados apenas em sentido metafórico. “O homem, durante milênios, permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivo e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal, em cuja política sua vida de ser vivo está em questão” (FOUCAULT, 2012, p.156). Estamos falando de vidas de seres vivos. Vidas que, literalmente, estão em questão, sob ameaça.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) analisou os números e as taxas de homicídio no país entre 2005 e 2015. Os resultados estão no Atlas da Violência 2017: mais de 92% dos homicídios acometem homens jovens; a cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras.

Mortes decorrentes de intervenção policial foram analisadas pelos dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde, e também pelas informações dos registros policiais publicadas no 10º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, do FBSP. Por esses dados oficiais - que, por natureza, costumam capturar apenas parte da realidade que se quer ignorar - tivemos 942 mortes analisadas por números do SIM na categoria “intervenção legais e operações de guerra” e 3.342 mortes registradas nos números reunidos pelo FBSP em todo o país, no intervalo de 2005 a 2015,

De acordo com informações do Atlas, os negros possuem chances 23,5% maiores de serem assassinados em relação a brasileiros de outras raças, já descontado o efeito da idade, escolaridade, do sexo, estado civil e bairro de residência. Jovens continuam sendo as principais vítimas.

Na seção “Juventude perdida”, o Atlas deixa bem explícito o genocídio:

Desde 1980 está em curso no país um processo gradativo de vitimização letal da juventude, em que os mortos são jovens cada vez mais jovens. (...) Apesar de esse fenômeno ser denunciado há anos por organizações não governamentais de direitos humanos e movimentos sociais, e de recentemente ter entrado na agenda estatal com a Comissão Parlamentar de Inquérito no Senado sobre o assassinato de jovens, o Estado brasileiro ainda não foi capaz de formular e implementar um plano nacional de redução de homicídios. E qual o resultado da omissão do poder público em relação ao tema? Mais de 318 mil jovens foram assassinados entre 2005 e 2015 (ATLAS DA VIOLÊNCIA 2017, p. )

As duas faces do drama da juventude são, por um lado, a perda de vidas humanas e, por outro, a falta de oportunidades de educação e trabalho “que condenam os jovens a uma vida de restrição material e de anomia social, que terminam por impulsionar a criminalidade violenta. É um filme que se repete há décadas e que escancara a nossa irracionalidade social.

Não se investe adequadamente na educação infantil (a fase mais importante do desenvolvimento humano). Relega-se à criança e ao jovem em condição de vulnerabilidade social um processo de crescimento pessoal sem a devida supervisão e orientação e uma escola de má qualidade, que não diz respeito aos interesses e valores desses indivíduos. Quando o mesmo se rebela ou é expulso da escola (como um produto não conforme numa produção fabril), faltam motivos para uma aderência e concordância deste aos valores sociais vigentes e sobram incentivos em favor de uma trajetória de delinquência e crime. Enquanto isso, a sociedade, que segue marcada pelo temor e pela ânsia de vingança, parece clamar cada vez mais pela diminuição da idade de imputabilidade penal, pela truculência policial e pelo encarceramento em massa, que apenas dinamizam a criminalidade violenta, a um alto custo orçamentário, econômico e social. (ATLAS DA VIOLÊNCIA 2017, p. 26)

O final do labirinto de labirintos do esvaziamento das escolas parece estar próximo - e mostrar sua face horrenda: “Jovens e negros do sexo masculino continuam sendo assassinados todos os anos como se vivessem em situação de guerra. (...) O que se observou nos dados é um futuro da nação comprometido.” (ATLAS DA VIOLÊNCIA 2017, p. 55)

#### **ATÉ QUE A PLENITUDE E A MORTE COINCIDISSEM UM DIA**

Só assim vocês entendem

quando eles caem no vício

onde a educação é lenta

e a droga é mais veloz que míssil

“Pó de Poesia”, Marcelo de Jesus, 2017.

Os dados oficiais de evolução das matrículas iniciais apontam para um acelerado processo de exclusão social da juventude da escolarização formal na cidade de Belém. Tal processo articula o município com a realidade apresentada nos demais centros urbanos, o que evidencia uma política pública educacional segregatória e elitista, orientada pela ideologia neoliberal e sua concepção mercantilista de educação, subordinada aos interesses do capital. Estas diretrizes orientam práticas que sistematicamente expõem tal faixa etária à reprodução do ciclo da pobreza e a vulnerabilidades que, neste início de século, representam a negação do direito à própria vida.

Com uma concepção social de escola enfraquecida, nutrida por discursos oficiais contrários à potência de transformação da educação, nossos jovens estão esvaziando as salas de aula e preenchendo as mais perversas estatísticas de evasão escolar e genocídio da juventude - principalmente nas camadas mais empobrecidas nas periferias da cidade.

Como o Atlas da Violência 2017 aponta em suas conclusões, “fica patente a necessidade de um maior comprometimento das principais autoridades políticas e do campo da segurança pública em torno de um pacto contra os homicídios”. Os caminhos se delineiam com a indicação “que a coordenação, o planejamento e a boa gestão venham a substituir o proselitismo político vazio, seguido de ações midiáticas que nada resolvem” (ATLAS DA VIOLÊNCIA 2017, p. 58).

Articulando as teorias e práticas educacionais com as ideologias que as orientam, percebemos a potência da escola sendo contida e direcionada para a manutenção das desigualdades, de acordo com os interesses do capital. Não basta que a escola aguarde pacientemente as mudanças sociais, quando ela própria pode ser revolucionária e ousada em seu potencial de transformação social.

É preciso resistir:

as oportunidades são múltiplas porque (...) as crises irrompem repetidamente em torno da urbanização, tanto local como globalmente, e porque a metrópole é o ponto de colisão massiva – à coragem chamamos luta de classes? – contra a acumulação por despossessão, que beneficiou o mínimo de felizardos, e o ímpeto desenvolvimentista que procura colonizar o espaço para os ricos. Um passo na direção de unificar essas lutas é adotar o direito à cidade tanto como lema operacional quanto ideal político, justamente porque ele enfoca a questão de quem comanda a conexão necessária entre a urbanização e a utilização do produto excedente. A democratização deste direito e a construção de um amplo movimento social para fortalecer seu designio é imperativo. (HARVEY, 2012, p. 89)

A resistência, potente, se expressa no “corpo que recusa este biopoder que se abate sobre ele e que exige, reivindica o direito de nascer de novo.

Essa recusa do nascimento dado, em favor de um autonascimento, não equivale ao desejo de dominar seu próprio começo, mas de recriar um corpo que tenha o poder de começar" (Pelbart, 2007, p. 65).

Assim, o poder pode ser pensado "inversamente, e sobretudo, em sua positividade, ou seja, em sua capacidade construtiva, instituinte, criadora de novas realidades - valores, práticas, saberes, funcionamentos, subjetividades, etc" (GADELHA, 2013, p. 41)

É preciso existir! Garantir a vida, "até que a plenitude e a morte" coincidam, até que trajetórias não sejam interrompidas quando ainda afluam. Garantir a escolarização - e a existência - de nossa juventude garantirá também a subversão do ciclo de manutenção da pobreza, desigualdade e exclusão.

Sincronizar o descompasso da educação lenta e ameaças mais velozes que mísseis, expresso nas rimas do poeta marginal Marcelo de Jesus. Que a escola alcance e ultrapasse o que lhe esvazia e silencia. Cheia de alunos, cores, sons e vida, as salas de aula e os indicadores sociais estarão cheios de significados, possibilidades e esperança.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. A poética do espaço. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BRASIL. Ipea e FBSP. Atlas da Violência 2017.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira 9.394/96.

CORREA, P. G. "Do cotidiano urbano à cultura: as canções de Caetano Veloso e de Chico Buarque". 2011. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

FOUCAULT, M. História da sexualidade I: a vontade de saber. 22. reimpr. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FOUCAULT, M. Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GADELHA, S. Biopolítica, governamentalidade e educação: Introdução e conexões a partir de Michel Foucault. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HARVEY, D. O Direito à Cidade. Lutas Sociais, São Paulo, v. 29, p-73-89, jul./dez. 2012.

LE GOFF, J. Por amor às cidades. Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

LÉFÈBVRE, H. A Revolução Urbana. Belo Horizonte: EDUFMG, 2004.

LÉFÈBVRE, H. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

PELBART, Peter Pál. Biopolítica. Sala Preta, Brasil, v. 7, p. 57-66, nov. 2007.

RANGEL, N. F. A. . O esvaziamento do conceito de gentrificação como estratégia política. Cadernos NAUI , v. 4, p. 39-57, 2015.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. ESPACIALIDADES E TEMPORALIDADES NA DINÂMICA DAS FORMAÇÕES URBANAS. Revista Cidades, v. 1, n. 2, 2004.

VEIGA-NETO, A. Foucault & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.